



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de visita às obras dos Parques Eólicos de Osório**

**Osório-RS, 19 de abril de 2006**

Tem tanto vento aqui que a nossa voz volta mais forte do que chega em  
você.

Eu queria cumprimentar o governador Germano Rigotto,

Queria cumprimentar os meus ministros Dilma e Silas,

Queria cumprimentar o embaixador Ricardo Peidró, embaixador do  
Reino da Espanha no Brasil,

Queria cumprimentar todos os deputados federais, deputados estaduais,

Queria cumprimentar o Romildo Bolzan Júnior, prefeito de Osório,

Queria cumprimentar todos os prefeitos das cidades vizinhas que estão  
aqui,

Queria cumprimentar o senhor German Junquera, diretor Internacional  
da Elecnor,

Queria cumprimentar o Guillermo Planas Rocca, diretor-presidente da  
Enerfim Internacional,

Queria cumprimentar o Telmo Magadan, presidente da Vento do Sul,

Queria cumprimentar o Pedro Vial, presidente da Wobben,

Queria cumprimentar a Jussara Coni e a Miriam Marrone, que estão aí  
com as mulheres,

Mas, sobretudo, eu queria cumprimentar os trabalhadores que estão aí,  
de capacete, com as suas roupas azuis, amarelas, que no fundo, no fundo, nós  
falamos, falamos, falamos, uns põem dinheiro, outros põem projeto, e eles  
fazem as coisas acontecerem.



Eu queria fazer uma inovação... A questão energética, para o Brasil, não é uma questão menor. Todo mundo se lembra do apagão de 2001. E todo mundo sabe que qualquer empresário do planeta que quiser dispor do seu dinheiro para fazer investimento em algum lugar, uma das condições básicas para o investimento é saber se tem garantia de energia. Ele não quer saber se é energia nuclear, ele não quer saber se é eólica, ele não quer saber se é a termelétrica, a gás ou a carvão, ou à lenha, ou biomassa, ele não quer saber se é hídrica. Ele quer saber se tem energia e se tiver energia, ele vai colocar o seu dinheiro e vai fazer a sua indústria funcionar.

Com o apagão que nós tivemos, nós tomamos posse e muita gente tinha a preocupação se o Brasil iria conseguir oferecer energia para os próximos anos. Ainda mais que eu tinha levado uma mulher para ser ministra de Minas e Energia, que não era habitualmente uma Pasta para mulher. As pessoas entendiam que mulher poderia caber na Educação, caberia uma mulher na Saúde, Ciência e Tecnologia já era uma coisa prevista para homem. E Minas e Energia, então, dava a impressão que, se não fosse um homem, não tinha ministro.

Eu confesso a vocês uma coisa, eu vou dizer agora, de primeira mão: eu, durante muitos anos, eu me reunia mensalmente com grupos de especialistas para discutir um programa energético para o Brasil. Como eu tinha perdido três eleições, então significa que durante praticamente 12 anos eu me reunia sistematicamente com grandes intelectuais da área de energia no Brasil, seja gente da Petrobras, seja gente de Furnas, seja gente da Eletrobrás. E discutíamos horas e horas, uma vez por mês, eram dias e dias de textos, de leitura, de idéias, de propostas.

Um belo dia, um sábado, entra na minha sala uma mulher, com um laptop embaixo do braço, e senta na reunião. Eu, então, me dei conta de que era a Secretária de Energia do Estado do Rio Grande do Sul. E de tudo o que



ela queria discordar, ela apertava lá as suas “teclasinhas” para provar que o modelo estava errado ou estava certo.

E foi uma coisa quase que instantânea, porque eu falei: “acho que eu achei minha ministra de Minas e Energia”. Certamente isso pode ter causado frustração em companheiros que estavam comigo há dez anos ou até mais e que... Vocês sabem que quando as pessoas ficam junto com a gente muito tempo, as pessoas vão pensando em ser ministro, vão pensando... o que é normal, nada contra alguém pensar. Mas, então, quando eu pensei na Dilma, eu falei: “eu não vou falar agora, porque podem estranhar”. Depois, na discussão de alianças políticas, eu fiquei sabendo que um partido estava reivindicando o Ministério de Minas e Energia e, na época, eu disse: “olha, negociaremos qualquer coisa, menos o Ministério de Minas e Energia. Esse (nem tinha falado com a Dilma) Ministério vai ser da Dilma Rousseff”. Por que é que a intuição deu certo? Eu não sei, e o companheiro Silas, que é um companheiro do setor há muito tempo, um companheiro que eu nem conhecia, que depois virou presidente da Eletrobrás e que trabalhou junto com a Dilma todo esse período...

É importante lembrar para vocês uma coisa, antes de eu passar a palavra para quem eu acho que deveria estar falando aqui. Para evitar o apagão, nós resolvemos fazer um forte investimento no setor energético brasileiro, sobretudo criar programas novos e, sobretudo, fazer as linhas de transmissão de que o Brasil carecia. Quando, em 2001, teve o apagão em São Paulo, o Sul do país tinha excesso de energia, porque estavam todos os lagos cheios e produzindo muita energia. Só que a gente não podia transportar para São Paulo, porque não tinha linhas de transmissão. Criamos um programa e resolvemos fazer leilões para as linhas de transmissão.

Eu vou contar para vocês o que aconteceu nesses três anos. Com o último leilão feito pelo ministro Silas e que vai concluir as obras todas no ano que vem, vai significar, meu caro Governador, que em cinco anos, nós



produzimos no Brasil 22% de tudo o que foi produzido de linha de transmissão em 122 anos. E ainda falta ligar o Norte do país com o Sul, com o Nordeste, para que a gente não tenha problema de energia, porque como o Brasil é um território muito grande e, às vezes, você está com os lagos vazios em um lugar e cheios em outro, você pode transportar a energia se tiver linhas de transmissão.

Mais do que isso, nós criamos um centro de desenvolvimento e pesquisa para a agroenergia, lá em Piracicaba. Nós criamos o ProInfra, criamos o biodiesel e transformamos o álcool – que era considerado o “pato feio” da indústria nacional, porque ninguém acreditava na seriedade do álcool – em uma coisa a ser discutida hoje, em nível internacional, saindo de pouco mais de 200 milhões para a exportação de quase 2 bilhões e meio de dólares de álcool. E conseguimos despertar na sociedade brasileira a questão do biodiesel, ou seja, o Brasil está em uma situação privilegiada e, se nós continuarmos trabalhando sério, a gente pode, sem nenhum medo, sem nenhuma dúvida e sem nenhuma falta de humildade, dizer que o Brasil tem todas as condições de se transformar no centro mundial da produção de novas matrizes energéticas no mundo. Nós não podemos ficar dependendo de apenas uma coisa. Nós temos que criar todas as alternativas possíveis, sabendo que a mais eficaz e a mais barata ainda é a hídrica pelo potencial do nosso país. E tudo isso que nós estamos fazendo não seria possível se nós não tivéssemos alguém diferente cuidando da questão energética do país.

Eu queria chamar a Dilma aqui, porque isso não está preparado, obviamente, mas aqui já falou o prefeito, falou o governador, falou o ministro, falou empresário, e todo mundo homenageou todo mundo, cada um de nós tem uma função. Agora eu queria dizer a todos vocês, a começar de mim, ao governador, aos empresários, aos deputados, que se não fosse a coragem da ministra Dilma Rousseff, essa mineirinha agauchada, que parece frágil, mas de fragilidade não tem nada, podem ter certeza, nós não estaríamos agora vendo



essa beleza de hélice funcionando aí, esse negócio extraordinário e eu jamais imaginei que o vento pudesse produzir energia. Eu, no máximo, achava que dava para empinar pipa.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: eu acho que a companheira Dilma, ela é que deveria falar sobre este Programa, porque ela gerou, ela colocou esse filho no papel e trabalhou até que nós pudéssemos estar aqui hoje vendo isto acontecer. Se não fosse a Dilma, certamente nós não teríamos. E, depois, como estou vendo muitas mulheres aqui, é a primeira inauguração que eu vejo quase o tanto de mulher quanto de homens, eu acho que é justo, mais do que justo que a nossa querida companheira Dilma Rousseff possa explicar para vocês por que nós chegamos até aqui.

Eu quero, Rigotto, dizer para você que o carinho que eu tenho pelo Rio Grande do Sul é porque eu freqüento este estado desde 1975, portanto, já faz 31 anos. Ou seja, eu conheci a Marisa, casei com a Marisa e casei com o Rio Grande do Sul. Ou seja, eu sei que este estado é um estado politicamente mais desenvolvido do Brasil, eu sei que este estado tem um potencial extraordinário, mas sei também que este estado atravessa momentos difíceis. Tivemos problemas na agricultura do estado, tivemos problemas no setor de calçados. O problema é que a gente não pode ficar chorando o problema, ou seja, nós temos que pensar o que fazer para encontrar alternativas para este estado que está pronto. Este aqui não é um estado que nós temos que fazer investimentos na alfabetização, não, este aqui está pronto. Este aqui é um estado pronto, é um estado que se estiver tendo problema fica mais fácil consertar do que aqueles que nós temos que começar praticamente do zero. Eu acho que os gaúchos não podem perder o otimismo, porque os gaúchos têm clareza absoluta de que as intempéries que criaram problemas neste estado logo, logo irão trazer os ventos bons que vão produzir a energia, vão produzir mais economia, conseqüentemente mais geração de empregos, porque o Brasil está pronto, o Brasil está pronto para ter um ciclo de crescimento consolidado para



os próximos 10, 15 ou 20 anos. E aí, meu caro, o Brasil vai recuperar o tempo perdido.

Foram 20 anos de economia estagnada que, graças a Deus, nós conseguimos, que nem agora, quando eu apertei o botão lá, começou a gerar energia e, por coincidência, começou a gerar a hélice, a hélice do Brasil começou a girar. Foi difícil, mas ela, hoje, a gente pode dizer: o Brasil, finalmente, está dizendo ao mundo que nós iremos aproveitar todas as chances do século XXI, não iremos perder a que perdemos no século XIX e no século XX.

Com vocês, a nossa querida Dilma Rousseff!